

Eleição de 2002 tumultua cena política

eleição presidencial

■ Governo precisará driblar dificuldades provocadas pela disputa acirrada das presidências da Câmara e do Senado

CARMEN KOZAK E
HELAYNE BOAVENTURA

BRASÍLIA – Entre amigos e auxiliares mais próximos do presidente Fernando Henrique Cardoso, não são poucos os que lamentam o fato de ele ter brigado tanto pela reeleição. Desde 1998, quando terminou a apuração dos votos da eleição que lhe garantiu mais quatro anos de mandato, Fernando Henrique administra crises sucessivas na base aliada que são motivadas pela sucessão presidencial de 2002.

A realização do segundo turno das eleições municipais, no domingo passado, trouxe de volta, com força, o jogo da sucessão, embora até lá governistas e oposicionistas estejam obrigados a cumprir – e vencer – etapas de um intrincado cronograma político. Só então, os nomes de candidatos entrarão para valer na discussão.

“Não existe sucessão agora. Cada coisa a seu tempo”, repete à exaustão o secretário-geral da Presidência, ministro Aloysio Nunes Ferreira. “Sucessão é definida no tempo exato, mas, como tudo em política, os caminhos são pavimentados com antecedência”, ensina o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Sabendo disso, PMDB e PFL anunciaram a disposição de lançar candidatos próprios, embora nos bastidores trabalhem para ter posição privilegiada no caso de renovação da aliança governista. Sabem que, se isso vier a acontecer, o PSDB deverá ficar com a cabeça de chapa. O PMDB sonha em ocupar o lugar de vice, que hoje é do PFL. Os pemedebistas admitem partir para o candidato próprio, se não não forem atendidos.

No PSDB, ainda sob o impacto da doença do governador de São Paulo, Mário Covas, o assunto sucessão está temporariamente proibido. Já apontados como candidatos prediletos do presidente, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e os ministros da Saúde, José Serra, e da Educação, Paulo Renato Souza, estão recolhidos.

O destino dos candidatos começa a ser traçado no início de 2001, na briga pela eleição dos presidentes da Câmara e do Senado – com a acirrada disputa entre Antônio Carlos Magalhães e Jader Barbalho (PMDB-PA), passa pela extensão da provável reforma ministerial e se mistura à batalha do reajuste do salário mínimo. Tudo isso em meio a uma crise econômica internacional e disputas pelos recursos do parco orçamento do ano que vem.

Fernando Bizerra Jr



.Arquivo



Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho: briga pela presidência do Senado pode abalar a aliança de apoio ao governo